

**JOHN DEWEY E GEORGE ORWELL:  
SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO, A COMUNICAÇÃO E O PODER**

José Claudio Morelli Matos\*  
Thais Ferreira Ali\*\*

**RESUMO:** Este trabalho estabelece um diálogo entre o discurso filosófico e literário. Os autores que fundamentam esta tentativa são John Dewey e George Orwell. Pensamento Reflexivo e Comunicação são os conceitos aqui empregados. A assim chamada novíngua tem, na obra de Orwell, a pretensão de restringir o próprio pensamento individual manipulando o processo social da comunicação. Discutir sobre a possibilidade de uma manipulação em massa da mentalidade conduz a um exame crítico das noções presentes no pensamento deweyano sobre educação.

**Palavras-chave:** Dewey; Orwell; pensamento reflexivo; linguagem; comunicação.

**RESUMEN:** En este artículo, proponemos un dialogo entre el discurso filosófico y el literario, basados en John Dewey y George Orwell. Pensamiento reflexivo y comunicación son los conceptos empleados. La llamada nuevalengua tiene en la obra de Orwell la pretensión de restringir al propio pensamiento individual, manipulando el proceso social de la comunicación. Discutir acerca de la posibilidad de una manipulación en masa de la mentalidad lleva hacia un examen crítico de las nociones presentes en el pensamiento deweyano sobre la educación.

**Palabras clave:** Dewey, Orwell, pensamiento reflexivo, lenguaje, comunicación.

### Introdução

A proposta da presente reflexão é discutir a relação entre o pensamento e linguagem, a partir da obra de John Dewey, tomando como caso para a discussão, o romance *1984*, de George Orwell. Dewey, conforme se sabe, desenvolve uma filosofia em que um dos temas centrais é a educação. A formação do pensamento no indivíduo é uma das disposições comportamentais fundamentais para que este indivíduo possa ser considerado bem educado. A linguagem, segundo este autor, assume papel fundamental no processo educativo de transmissão e reconstrução

---

\* Doutor em filosofia – USP, Professor de Filosofia da Educação do Departamento de Ciências Humanas – UDESC. doutortodd@gmail.com

\*\* Graduanda em pedagogia – UDESC. Bolsista de Iniciação Científica. thaisferreiraali@gmail.com

das ideias na vida social, tendo em vista a educação. Do mesmo modo, a linguagem é fundamental para o desenvolvimento do pensamento individual, a tal ponto que não se poderia interferir em um destes aspectos sem causar interferência também no outro.

O pressuposto da relação inextricável entre a linguagem e as funções mentais torna possível realizar uma reflexão acerca da filosofia de Dewey fazendo um paralelo com o cenário de ficção construído por Orwell em seu conhecido romance. A partir de certa interpretação das situações e do enredo desenvolvido por Orwell, bem como do estudo dos conceitos de pensamento e de comunicação desenvolvidos por Dewey, espera-se investigar questões que envolvem a formação dos hábitos de pensamento e linguagem, no processo de interação social. Trata-se, em linhas gerais, de questões como a seguinte: Em que medida uma manipulação intencional da linguagem utilizada em uma sociedade é capaz de promover uma manipulação do pensamento individual de seus membros? Ou, formulada em outros termos: Em que medida o controle social pode interferir na esfera daquilo que é ou pode ser pensado pelos indivíduos, interferindo nas estruturas de linguagem e de comunicação?

O contexto desta manipulação e deste controle social é encontrado no enredo do livro *1984*, de Orwell. Mais especificamente, no projeto denominado de “novilíngua”<sup>1</sup>, em que o Partido ora no poder desenvolve um idioma especial para representar a mentalidade que deseja promover. Responder às questões acima propostas, procurando argumentar a partir do pensamento de Dewey, é uma forma de compreender mais profundamente este mesmo pensamento. Sobretudo, leva a refletir sob um ponto de vista alternativo, sobre os meios segundo os quais se poderia - seguindo procedimentos e métodos especificamente desenvolvidos - fornecer aos seres em desenvolvimento uma educação por meio de uma comunicação plena, e não de um mero adestramento.

Ao estudar o pensamento de um autor é possível percorrer muitos trajetos, conforme o interesse, os métodos empregados, e a natureza de sua própria obra.

---

<sup>1</sup> Newspeech, no original. Algumas traduções para o português empregam o termo “novafala”.

---

Dewey é um pensador que possui uma vasta produção, abordando inúmeros assuntos que vão desde a educação, a teoria do conhecimento, a psicologia, a ética, a estética, e outros mais. Como integrante reconhecido pela posteridade, da corrente pragmatista norte americana, sua originalidade é marcada por uma abordagem evolutiva da relação entre a experiência humana e a natureza. Para ele, as relações humanas, como as instituições sociais, a linguagem, os recursos de intercomunicação e a própria atividade científica estão inseridas neste imenso conjunto de regularidades a que se dá o nome de natureza.

Assim, o desenvolvimento de capacidades naturais é determinado pelas condições do ambiente social em que os indivíduos se encontram. Portanto, não há para Dewey, a possibilidade de compreender o ser humano separado do meio ambiente natural e social em que este interage e conduz a sua experiência. A possibilidade aberta aqui é a de que, por meio do controle e seleção das condições do ambiente social, o indivíduo desenvolve em resposta determinadas formas de comportamento. Este comportamento pode ser tanto mais inteligente, autônomo e criativo, ou mais automático, rotineiro e determinado, conforme variarem as condições ambientais às quais os indivíduos estão submetidos. Os indivíduos se formam plenamente em contato com o meio, e por isso, há tanta disposição para a ação livre e inteligente, como para a ação restrita e adestrada. A liberdade, o pensamento ordenado e inteligente, o controle individual dos objetivos e da experiência, a ação baseada em interesses compartilhados: todos estes elementos são valores cultivados por uma vida social que Dewey denomina de democracia.

Entretanto, ao mesmo tempo em que as relações sociais abrem a possibilidade de um crescimento em direção a uma vida democrática, abrem ainda a possibilidade de crescimento em direção a uma vida de adestramento e controle, onde os valores acima mencionados seriam sistematicamente sufocados, a fim de garantir a manutenção de uma sociedade rigidamente autoritária e hierárquica. Em outras palavras, no mundo formado pela experiência social compartilhada e transmitida, o otimismo democrático sustentado por Dewey é possível na mesma medida em que é possível um pessimismo, um temor de que o desenvolvimento social e técnico produza menos, e não mais inteligência; menos e não mais

---

comunicação; menos e não mais liberdade individual. Este cenário é o pano de fundo da presente investigação.

Em termos metodológicos, este trabalho se propõe tomar a história narrada por Orwell como um caso hipotético. Ou seja, como um conjunto de situações, que mesmo sendo ficcionais, estão desenvolvidas e narradas com verossimilhança e coerência suficientes para se enquadrarem na classe dos possíveis. E esta detalhada e profunda narrativa de assustadoras possibilidades sociais, políticas, técnicas e individuais, serve aqui como matéria para o questionamento e a reflexão filosófica. A escolha da obra *1984* justifica-se por pelo menos dois fortes motivos: Primeiro por causa da questão da linguagem e do pensamento, que é fartamente representada por Orwell que apresenta como componente importante de seu argumento, o projeto da novilíngua. E segundo, pelo contexto histórico da metade do século XX, em pleno desenvolvimento da sociedade industrial e científica, das ideologias políticas de caráter revolucionário e utópico, e pela tensão entre a vida social e individual, sentida por muitos intérpretes, e retratada com detalhes por Orwell e sua obra.

Espera-se que como resultado desta discussão, se obtenha um mais profundo entendimento sobre os limites e possibilidades das noções aqui discutidas, a saber, a relação entre o pensamento e a linguagem. Espera-se, ainda, que este entendimento seja relevante e proveitoso para os que buscam refletir sobre a função social da comunicação a partir das linhas teóricas estabelecidas pelo pensamento de John Dewey.

### **Pensamento e comunicação segundo Dewey**

Um dos temas a que Dewey dedica principal atenção é o do pensamento reflexivo – assunto principal de sua obra de 1910 (reeditada em 1933), *Como Pensamos*. Segundo ele, o pensamento reflexivo emerge a partir de tendências e inclinações naturais, e desenvolve-se no ambiente social como um comportamento deliberado e consciente de investigação e solução de problemas. O autor esclarece que “o pensamento reflexivo faz um ativo, prolongado e cuidadoso exame de toda

crença ou espécie hipotética de conhecimento” (DEWEY, 1979, p.18), e como resultado, o indivíduo que reflete é capaz de assentar suas conclusões em argumentos e evidências que as justificam e que podem vir a ser publicamente compartilhadas por meio da linguagem.

Em grande medida, o pensamento reflexivo possui as características de um complexo integrado de hábitos, que pode ser moldado no indivíduo pelo processo de reconstrução da vida social a que Dewey denomina educação. Dewey acrescentaria que esta modalidade de pensamento “não é uma ‘faculdade’, mas uma organização de materiais e atividades” (DEWEY, 1979, p. 73). Esta organização é atingida pelo indivíduo a partir da aprendizagem, como reação a uma organização particular de sua experiência.

O pensamento reflexivo é, ainda, uma forma extremamente eficiente de adaptação do indivíduo ao ambiente social.

Seu aperfeiçoamento consiste num desenvolvimento da curiosidade, da sugestão e dos hábitos de pesquisar e verificar, que seja de molde a aumentar a sensibilidade às questões e o amor da investigação do problemático e do desconhecido (DEWEY, 1979, p. 63).

Por isso, a educação defendida por Dewey precisa promover os hábitos e condutas reflexivas. Com isso obtém maior crescimento da experiência humana, compartilhada no ambiente social. O efeito de tal formação é favorecer a atitude responsável e crítica, que acompanha o desenvolvimento da individualidade.

Mas o pensamento reflexivo não é apenas uma atribuição interior, subjetiva, ou individual. Ele se desenvolve justamente em um ambiente de interação e ação compartilhada entre os indivíduos. Por isso, as relações sociais são tão determinantes para seu desenvolvimento, como também são afetadas pelos seus posteriores resultados. Nesta medida, o pensamento reflexivo é profundamente dependente da linguagem. E principalmente do emprego de significados na ação compartilhada que se costuma chamar de comunicação.

Segundo Dewey em *Como Pensamos*, há três opiniões importantes a serem destacadas acerca da relação entre a linguagem e o pensamento, que são:

primeiro, que os dois se equivalem; segundo, que as palavras são o revestimento, a indumentária do pensamento, necessárias, não para o próprio ato de pensar, mas para comunicar o pensamento; e terceiro (ponto de vista que, adotamos), que, embora a linguagem não seja o pensamento, é necessária ao pensamento e à comunicação (DEWEY, 1979, p. 227).

Constata-se aqui que o autor, quando usa o termo “necessária” está dizendo que a linguagem é condição para o pensamento, que este não é possível sem aquela. E talvez, mais ousadamente, se possa propor que certas modificações na linguagem operem certas modificações no pensamento. Se o pensamento depende de “instrumentos”, “utensílios”, terminologia, aliás, do próprio Dewey (1979, p 229), que são os símbolos linguísticos, então, conforme os utensílios disponíveis resultam diferentes condutas do pensamento. Esta última afirmação tem uma tonalidade que aproxima a discussão acerca da linguagem em sua relação com o pensamento, da questão da novilíngua, tal como aparece no romance *1984*, e que será detalhadamente abordada mais adiante, neste trabalho.

Convém esclarecer que a linguagem não é apenas um conjunto de significados verbais arbitrários. Segundo o filósofo, gestos, figuras, imagens visuais, movimentos, ou seja, tudo aquilo aplicado intencionalmente ou artificialmente, e tido como sinal, constitui linguagem. Assim, podemos entender que para Dewey a linguagem é o principal mecanismo para a elaboração e a organização do pensamento, Segundo o autor:

Pode-se, pois, concluir pelo exposto que o uso da linguagem para transmitir e adquirir idéias é uma extensão e aperfeiçoamento do princípio de que as coisas adquirem significados quando usadas em uma experiência partilhada ou em uma ação conjunta: de modo algum a aplicação da linguagem contravém aquele princípio. Quando as palavras não entram como fatores em uma ação compartilhada – quer real, quer imaginariamente – elas obram como puros estímulos físicos, não tendo significação ou valor intelectuais (DEWEY, 1959, p.17).

Esta teoria relaciona inextricavelmente a linguagem, enquanto estrutura de símbolos e regras de seu emprego, com a conduta manifesta pelos indivíduos no meio social. Disto decorre uma interdependência entre o uso ou domínio da

linguagem, e a conduta socialmente compartilhada pelos indivíduos. Esta interdependência entre linguagem e conduta é o que melhor se adequa ao conceito - presente na filosofia deweyana a partir da obra *Democracia e Educação* (1916) - de comunicação.

Por isso, Dewey insiste em explicar com precisão em que consiste para ele a situação genuinamente denominável de comunicação. Porque, onde não há a experiência comunicativa, não poderá haver educação e sim mero adestramento. A comunicação, segundo o autor, envolve a ação individual de assumir objetivos e significados socialmente compartilhados; envolve uma forma de vida que passa pela abertura a novas concepções e pela responsabilidade pessoal quanto às crenças e valores mantidos pelo indivíduo. “Não só a vida social se identifica com a comunicação de interesses, como também toda a comunicação (e, por conseguinte, toda a genuína vida social) é educativa” (DEWEY, 1959, p. 5). Esta forma especial de vida, onde se estimula, bem como se necessita do pensamento reflexivo, o autor entende como democracia: a única forma de vida individual e social que está de acordo com o princípio vital da continuidade e do crescimento da vida em todas as suas significações.

Em seu artigo “The Communicative turn in Dewey’s Democracy and Education” (2006), Gert Biesta oferece uma concepção do que seja a comunicação para Dewey, que reforça a posição aqui manifesta. Em seu discurso, Biesta se esforça por mostrar como uma teoria da comunicação aparece amadurecida na obra de Dewey a partir da publicação de *Democracia e Educação*. Além disso, Biesta pretende esclarecer que, para Dewey, a “comunicação é um processo de coordenação e cooperação social ou, que esse processo não apenas efetua o entendimento comum e um mundo comum, compartilhado, mas que é também a origem da reflexão e da consciência reflexiva” (BIESTA, 2006, p. 27). O que isso significa é que o pensamento individual não apenas é tornado acessível publicamente pela comunicação mas, além disso, o pensamento individual é possibilitado pela comunicação.

É a experiência comunicativa que dá impulso ao comportamento reflexivo na mente do indivíduo, que busca com isso um desempenho mais bem sucedido nas condutas socialmente compartilhadas. A vida social, por assim dizer, impele o indivíduo aos hábitos reflexivos de pensamento. Assim descreve Dewey:

Por conseqüência, pode-se perfeitamente dizer que, para aqueles que dela participam, toda a prática social que seja vitalmente social ou vitalmente compartilhada é por sua natureza educativa. Só quando lançada em um molde e tornada rotineira é que perde seu valor educativo (DEWEY, 1959, p. 6).

Vale destacar que a comunicação é, segundo Dewey, formada de dois elementos: a conduta do agente e os significados da linguagem. A conduta é o primeiro modo pelo qual se compartilha ações entre os indivíduos. Pelos efeitos da conduta no ambiente, os interesses de um indivíduo se tornam comunicáveis, acessíveis à conduta ao entendimento dos outros indivíduos com que ele interage. Após este passo constitui-se a linguagem não só como ferramenta de comunicação, mas também de transformação da conduta. Portanto, há um forte componente ambiental envolvido na comunicação, e a conduta do indivíduo deve sempre adaptar-se a estas condições ambientais – que afinal estão em constante mudança – uma vez que o indivíduo espera ser bem sucedido em atingir seus interesses e objetivos.

Pode-se afirmar que nem tudo o que recebe o nome de “educação” resulta na formação da pessoa reflexiva. Outras formas de educação podem levar a outros resultados, entre eles justamente a eliminação da capacidade reflexiva e a adesão a formas dogmáticas e crédulas de pensar. “Não vês que todo o objetivo da Novilíngua é estreitar a gama do pensamento?” (ORWELL, 2003). É justamente este resultado anti-reflexivo que está sendo posto em discussão, no horizonte das concepções de Dewey: Um sistema de formação cujo resultado é a abolição, tanto quanto for tecnicamente possível, do pensamento individual.

Dewey fala em diversos trechos de *Como Pensamos*, sobre o “hábito geral de refletir” (p. 43), ou sobre “formar hábitos de reflexão” (p. 44), insistindo na necessidade de que o ambiente social e principalmente o ambiente educacional

---

nunca descuide do “desenvolvimento de bons hábitos de pensamento” (p. 44). Se o processo de transmissão e renovação da vida social, em uma sociedade, estiver organizado de modo a desenvolver estes hábitos e disposições para o pensamento reflexivo, o resultado será um crescimento da experiência, da comunicação e, portanto, das condições de co-participação na vida. Em uma palavra, das condições para o estabelecimento da sociedade democrática. A propósito disso se pode mencionar a obra do professor Cunha publicada em 2001, *John Dewey – A Utopia Democrática*, quando afirma que “sem o pensamento crítico a inteligência não pode tornar-se o método de direcionamento da ação social, o que condena o potencial intelectual humano à inoperância” (CUNHA, 2001, p. 68). Se o processo de transmissão, em uma medida mais modesta ou mais extrema – como em *1984* – estiver organizado de modo a desenvolver os hábitos de credulidade, apatia mental e inépcia generalizada, o resultado tende a ser o crescimento da doutrinação, do adestramento, e principalmente das barreiras hierárquicas entre as classes sociais.

### **1984 e o projeto da novilíngua.**

O ambiente de *1984* é uma ficção acerca de um futuro possível<sup>2</sup>, onde a Inglaterra – e o resto do mundo - estaria submetida a um impressionante regime de opressão política e ideológica. A personagem principal da obra é um indivíduo comum, um funcionário do chamado *Ministério da Verdade*, chamado Winston Smith, cujo emprego consistia em modificar notícias e registros, conforme variava a opinião interessante ao Partido.

O Partido, o único partido, representante de uma ideologia denominada de socialismo inglês, ou *Ingsoc*, é uma instituição que busca, acima de tudo, obter o máximo controle sobre o comportamento dos indivíduos e, mais que isso, sobre os seus pensamentos. “Ingsoc. Os princípios sagrados do Ingsoc. Novilíngua, duplipensar, a mutabilidade do passado” (ORWELL, 2005, p. 28). Segundo os

---

<sup>2</sup> Lembrando que o livro foi publicado em 1949, e que, portanto, a ação se passa no ano, futuro para o autor, de 1984.

princípios declarados na citação acima, o controle do pensamento, por meio do controle da linguagem era um projeto fundamental para os objetivos totalitários do Partido. Ao longo da história, observa-se como estes princípios são sistematicamente empregados no controle mais amplo de todas as esferas da vida social e individual dos personagens. Uma fala do personagem O'Brien, um dos líderes do Partido, perseguidor e torturador de Winston, ilustra bem a estrutura ideológica do *Ingsoc*: "O partido procura o poder por amor ao poder. Não estamos interessados no bem estar alheio; só estamos interessados no poder" (ORWELL, 2005, p. 251). E este poder, para ser completo segundo o esperado, deve se estender ao domínio das mentalidades individuais de qualquer pessoa sujeita a ele.

Ora, supõe-se geralmente que a mente de um sujeito particular seja um domínio privado, e que nenhum instrumento externo possa exercer significativo controle sobre aquilo que pode ser pensado por um indivíduo. A coação externa não teria força para impedir, ou para provocar significativa determinação do pensamento, na mente do sujeito. Mas a tentativa de controlar o pensamento, com vistas a um poder absoluto é pretendida pelo *Ingsoc*, através do desenvolvimento cuidadoso e da implantação de uma série de medidas, entre elas a assim chamada novilíngua. Segundo Orwell:

O objetivo da novilíngua não era apenas oferecer um meio de expressão para a cosmovisão e para os hábitos mentais próprios dos devotos do *Ingsoc*, mas também impossibilitar outras formas de pensamento. O que se pretendia era que, tão logo a Novilíngua fosse adotada definitivamente e a Anticlíngua esquecida, qualquer pensamento herético, isto é, divergente dos princípios do *Ingsoc*, fosse literalmente impensável, ou pelo menos até o limite em que o pensamento depende de palavras (ORWELL, 2005, p. 287).

A novilíngua fora criada, no livro de Orwell, para impedir o raciocínio investigativo independente, e submeter o pensamento individual a uma disciplina mental que se molde às exigências da visão de mundo do *Ingsoc*. Qualquer pensamento herético, ou qualquer situação ou objeto que possa representar subversão seria supostamente impossível de ser expresso em palavras, de ser formulado e, portanto, impossível de ser pensado.

Uma das coisas a ser eliminada é a diversidade de opiniões, e de discussão objetiva de qualquer assunto. A novilíngua fornecia um único modo de dar expressão “a cada significado que um membro do Partido quisesse expressar, excluindo todos os outros significados” (Orwell, 2005, p. 288). Outra supressão seria a da expressão estética que seria, além de supérflua, suspeita aos olhos do *Ingsoc*. Pode-se ter um exemplo da redução drástica dos modos de expressão que é o efeito do emprego da novilíngua, na passagem citada abaixo:

*Times 3.12.83 notícia ordemdia gi duplíplusbom refs impessoas reescreve coml subsuper prearquivo.*

Em Anticlíngua (ou inglês comum) se poderia traduzir:

*A notícia da Ordem do Dia do Grande Irmão no Time de 3 de dezembro de 1983 é extremamente insatisfatória e faz referência a pessoas não existentes. Reescreve por completo e submete a minuta à autoridade superior antes de arquivar.* (ORWELL, 2005, p. 45, ênfase no original).

Aqui há exemplo de duas características muito interessantes: Primeiro, o modo como um registro passado é intencionalmente modificado. Segundo uma amostra de uma mensagem escrita em novilíngua, com sua tradução para o idioma natural, e por isso a enorme distinção entre a abundância expressiva da língua natural, e a redução, ou escassez expressiva da novilíngua.

A hipótese que está sendo considerada é se a relação entre linguagem e pensamento é de fato uma relação tal que o projeto da novilíngua, ou outro semelhante, seja considerado possível em alguma medida relevante. Pois: “A novilíngua, na verdade, diferia da maioria das outras línguas pelo fato de que todos os anos seu vocabulário diminuía em vez de aumentar” (ORWELL, 2005, p. 297). No capítulo quatro de *1984*, acontece um diálogo entre Winston e um lingüista do Partido, que participa do projeto de formulação da novilíngua. São lançadas periodicamente novas edições do Dicionário da Novilíngua, cada vez com menos palavras e com regras mais estreitas de expressão. Syme, este lingüista do Partido, faz a Winston um comentário que reflete muito claramente a questão tomada aqui como objeto de exame: “Todo o mecanismo do pensamento será diferente. Com efeito, *não haverá* pensamento, no sentido como hoje o entendemos. Ortodoxia quer dizer não pensar... não precisar pensar. Ortodoxia é

inconsciência” (ORWELL, 2005, p. 55, ênfase no original). Acompanhando este trecho do livro, observa-se Winston ocupado em pensar sobre o destino da novilíngua e, em certo momento, em pensar sobre o destino do próprio Syme: “Qualquer dia, refletiu Winston, com convicção profunda e repentina, Syme será vaporizado. É inteligente demais. Vê demasiado claro e fala sem subterfúgios. O Partido não gosta de gente assim. Um dia ele desaparecerá. Está na cara” (ORWELL, 2005, p. 55). Depois que o instrumento supremo de controle do pensamento estivesse concluído, qualquer referência ou testemunha de sua construção deveria ser eliminada. É o caso de Syme que possui, individualmente, consciência e capacidade reflexiva em excesso, para que seja tolerável mantê-lo vivo.

Estas reflexões, embora sugeridas a partir do contexto da obra literária, referem-se a temas concretos e de grande relevância para a discussão teórica. Para que esta discussão seja levada adiante, faz-se necessário horizonte investigativo a fim de guiar os esforços de sua condução. Este horizonte já está disponível ao presente trabalho, na forma das concepções apresentadas por Dewey em suas obras, mais precisamente sua teoria do pensamento reflexivo, e sua teoria sobre a comunicação.

Assim, a novilíngua representa, para o leitor interessado em questões filosóficas, um interessante conjunto de questões que se referem à natureza da linguagem, ao seu poder representativo, e às relações da linguagem com o pensamento, e destes com os objetos. Mas, possivelmente, a grande questão que se impõe ao leitor filosófico de *1984* no que toca à novilíngua seja a questão da linguagem e seu papel nas relações sociais e de poder. Uma de suas formulações pode muito bem ser aquela que foi apresentada acima, na introdução deste trabalho: Se a linguagem pode ser manipulada de modo a ocasionar a manipulação do pensamento individual.

Ao considerar esta questão, o leitor atento encontrará alguns elementos que podem constituir-se em problemas conceituais ou de interpretação. Um destes problemas é o de que uma linguagem é bem mais do que uma coleção de

---

símbolos correspondendo de algum modo a certos objetos. Para ficar no território das linguagens faladas e escritas, tradicionalmente utilizadas e culturalmente desenvolvidas pelos seres humanos, diríamos que, além das palavras, a linguagem é composta de um conjunto de regras, de princípios, de leis que estabelecem corretas relações entre os diversos símbolos. É somente por meio destas regras que os símbolos podem ser corretamente agrupados em sentenças que representem adequadamente predicados, situações e características dos objetos e dos eventos.

Esta estrutura de significados e regras corresponderia ao que se denomina a gramática ou a lógica de uma linguagem. Ou seja: a linguagem pressupõe um modo estruturado de pensamento sem o qual não pode ser nem compreendida, nem empregada. Seguindo suas regras é que se pode esperar formular sentenças significativas dentro de uma linguagem. Aprender uma linguagem qualquer é não só aprender a usar os símbolos individualmente, mas reuni-los segundo as regras adequadas a cada situação, para o que se quer representar com a linguagem. Dewey, conforme se tentou mostrar, dá grande importância a esta relação entre linguagem e pensamento. Sua argumentação mostra que ambos são interligados e interdependentes, visto que a construção, reconstrução, reformulação, remodelação, formulação e modelação devem ser efetivados para ambos os campos. Se a linguagem possibilita a amplitude do pensamento e o pensamento a amplitude da linguagem, o oposto também é possível.

Para poder obter o controle sobre o pensamento esperado pelo *Ingsoc*, seria preciso muito mais do que eliminar palavras ou transmutar o seu significado. Isto certamente seria uma mudança drástica nas práticas comunicativas, mas não teria o efeito total de controlar a própria possibilidade do pensamento, a não ser que a novilíngua implicasse em uma mudança na própria estrutura utilizada para dar sentido à linguagem. Isso envolve a forma lógica do pensamento, bem como todo o conjunto de condições sociais que constituem o fenômeno comunicativo.

Mas acerca disso, se pode encontrar muito claramente em 1984 as evidências de uma intenção formativa por parte do Partido. A novilíngua é reforçada na vida social por diversas outras estratégias que compõem junto com

ela o aparelho controlador do Partido. A vida social é marcada pelo medo e pelo ódio constantemente incentivado contra um suposto inimigo de todos os cidadãos. A engenhosa estrutura de propaganda, aliada a todas as regulamentações da vida pública e mesmo de muitos aspectos da vida privada encaminham o indivíduo a uma formatação, a uma adequação. Esta não é apenas obtida externamente. O domínio supostamente privado da mente do indivíduo é alvo do mais insistente e constante assédio do Partido.

A vida social em 1984 era rigorosamente controlada a fim de proporcionar o máximo de experiências formativas nos seus membros. O indivíduo vivia em um ambiente especial, planejado de modo a desenvolver nele os hábitos mentais e de comportamento que fossem favoráveis aos objetivos do *Ingsoc*. Há um aspecto nesta sociedade, que pode ser chamado de educativo, em um sentido bastante amplo e controverso do termo.

Isto é, o problema é educacional. É um problema de moldar continuamente a consciência tanto do grupo dirigente como do grupo executivo, mais amplo, que fica logo abaixo dele. A consciência das massas precisa ser influenciada apenas de modo negativo (ORWELL, 2005, p. 200).

Para compreender o sentido em que a vida social é educativa mesmo num contexto de opressão como em *1984*, basta atentar para o aspecto ambiental da educação, tal como é concebido por Dewey. “O meio social em que o indivíduo vive, move-se e manifesta sua atividade, esse é o agente constante e eficaz para orientar-lhe a atividade” (DEWEY, 1959, p. 30). Educar é sempre uma questão de arranjo das condições do ambiente físico e social, a fim de obter como resultado a resposta dos indivíduos, em termos da formação de certas disposições e hábitos, e da aquisição de certos significados, por meio da interação e da resposta destes indivíduos às condições ambientais estabelecidas.

O nome desta investida sobre o pensamento dos indivíduos, nome dado por Orwell em *1984* é *duplipensar*.

Saber e não saber, ter consciência de completa veracidade ao exprimir mentiras cuidadosamente arquitetadas, defender simultaneamente duas opiniões opostas, sabendo-as contraditórias e ainda assim acreditando em ambas; usar a

---

lógica contra a lógica, repudiar a moralidade em nome da moralidade (ORWELL, 2005, p. 37).

São estas as disposições segundo as quais o indivíduo disciplinado pensa, segundo os moldes ideológicos do Partido. Seus hábitos de pensamento são fortemente, constantemente, insistentemente forjados de modo a recusar as sugestões e evidências, bem como os interesses e objetivos individuais, a fim de unicamente representarem um aspecto de crença, refreada somente pela modelagem segundo o interesse do Partido. Este hábito mental é o suporte que torna possível à restrição linguística da novilíngua manter-se e avançar na transmissão e disseminação da cultura acumulada, no contexto do *1984*.

O duplipensar imaginado por Orwell representa uma antítese impressionante do pensamento reflexivo concebido por Dewey. Orwell concebe que pensamentos ou idéias que não podem ser comunicados, por uma restrição intencional da linguagem, também não podem ser pensados. De uma restrição na função comunicativa da linguagem, resultaria uma restrição nos hábitos de pensamento. Esta segunda restrição serve aos objetivos do poder político. O controle absoluto sobre todos os seres humanos é o grande alvo da ditadura totalitarista por ele descrita. Para esta ditadura, “o poder reside em despedaçar o cérebro humano e tornar a juntá-lo da forma que se entender” (ORWELL, 2005, p. 255). Para o Partido, cada redução nas formas linguísticas era um ganho, pois, ao possuírem poucos significados verbais, menor era a “tentação de pensar” (ORWELL, 2005, p. 297). O que se esperava era que com o passar do tempo, as características que integram a novilíngua tornem-se cada vez mais utilizadas, e o número de palavras cada vez menor, faria com que estas possuísem apenas um único conceito ou sentido, seu significado deveria torna-se cada vez mais restrito “e a possibilidade de utilizar palavras de maneira imprópria” (ORWELL, 2005, p. 299), segundo os ideais do *Ingsoc*, se tornaria cada vez menor.

É preciso supor que a novilíngua, assim como diversos outros procedimentos do Partido, são destinados a restringir e controlar a interação e comunicação entre os indivíduos. Estas restrições são importantes para o *Ingsoc*, porque possibilitam que o poder seja exercido em um nível nunca antes

---

experimentado em nenhuma sociedade humana. Orwell descreve assim os objetivos do Partido:

A primeira coisa que debes entender é que o poder é coletivo. O indivíduo só tem poder na medida em que cessa de ser indivíduo [...] A segunda coisa que debes entender é que o poder é o poder sobre todos os entes humanos. Sobre o corpo, mas acima de tudo, sobre as mentes (ORWELL, 2005, p. 252).

Controlar a mente humana, por meio da manipulação das condições exteriores, é o objetivo do Partido para a tomada de um poder absoluto. E esta tentativa, está ligada diretamente – por uma relação de oposição e de contraste - ao que Dewey concebe acerca do processo social e cognitivo da comunicação. Isto porque a novilíngua utiliza das duas características descritas acima para que suas intenções sejam efetivadas: conduta e linguagem. Logo, estabelece com o indivíduo certo tipo de interação, com base no medo e no ódio, diferentemente do que foi proposto por Dewey: compartilhar significados comuns, mesmo que por meio de um adestramento, onde o nível de comunicação é mínimo, e nunca pelo processo educativo e democrático da livre comunicação e do pensamento reflexivo.

### **Sobre a Possibilidade da Novilíngua**

A novilíngua, não é somente uma restrição da comunicação. Ela pretende ser uma restrição do próprio pensamento individual, na medida em que ele depende da linguagem para ser representado. Conteúdos alheios aos valores do *Ingsoc* não deveriam poder ser comunicados. Mas, indo ainda mais longe, estes conteúdos sequer deveriam ser pensados. A novilíngua é o princípio fundamental de um projeto educativo que espera fornecer poder absoluto ao Partido, pelo recurso de banir do campo da experiência possível qualquer pensamento considerado criminoso ou supérfluo para os interesses totalitários do Partido.

Se esta reorganização não é possível, ou pelo menos não em um nível notável e significativo, o que isto implica? Que o pensamento independe em grande medida da linguagem em que ele é expresso, e que a comunicação desempenha um papel acessório, e não crucial, na formação da mentalidade

individual. Que o controle externo da conduta individual é remoto e débil. Ou, por outro lado, simplesmente que – atualmente - não há uma estrutura organizada que disponha dos meios para realizar este projeto em larga escala, tal como o fez o Partido Interno no romance *1984*? A fim de tomar esta decisão e, além disso, ser capaz de refletir sobre suas conseqüências é preciso buscar por explicações e fundamentos sobre os quais seja possível conceber a relação entre o pensamento, a linguagem, e o aspecto ambiental da comunicação.

Explicações e fundamentos que, na presente análise, se espera encontrar na teoria da comunicação desenvolvida por Dewey em *Democracia e Educação*, e na teoria do pensamento reflexivo desenvolvida em *Como Pensamos*. Este procedimento investigativo ilumina conceitualmente a obra literária e faz dela um instrumento de reflexão sobre a experiência e a realidade com que, atualmente, os interessados nestes assuntos estão se defrontando. E ilumina também a obra filosófica, fazendo-a objeto de leitura atenta e orientada por um objetivo definido.

A resposta que se propõe para a pergunta acima é afirmativa. A manipulação em massa é possível, em princípio, uma vez que o pensamento e a conduta individuais são interdependentes com o ambiente social. Este ambiente é constituído, em uma medida muito significativa, por símbolos e por estruturas de linguagem, componentes da herança cultural e dos conhecimentos, valores e experiências publicamente acessíveis. Esta possibilidade acarreta conseqüências, tanto do ponto de vista da função da comunicação para o crescimento da experiência individual e coletiva e, portanto da liberdade, como conseqüências para a função da “comunicação”, na manipulação e no controle em massa.

Pode-se aqui reconhecer a ênfase que Dewey atribui ao meio social como fator formador dos hábitos de pensamento e conduta dos indivíduos. E mais que isso, na medida em que um aparato tecnológico e político tornam disponível um volume e um grau de sofisticação da informação nunca antes pretendido, essa estrutura técnica e política pode resultar em maiores ocasiões de interação, de reflexão e de crescimento individual e social. Mas, ao mesmo tempo, pode resultar em mecanismos de acentuação das barreiras hierárquicas entre os membros da

---

sociedade, e em artifícios de formação da conduta adestrada, rotineira, controlada de fora por um investimento proposital ou fortuito, na manutenção de baixos níveis de pensamento reflexivo e autônomo.

O pensamento reflexivo em sua forma mais desenvolvida, segundo Dewey, não é dado, não é uma capacidade inata. Assim como certas condições de formação contribuem para o crescimento do pensamento, outras condições podem favorecer sua aniquilação, sua atrofia, e em seu lugar, instalar a apatia, a credulidade, a indiferença em matéria de pensamento, a que Orwell deu no nome de *duplipensar*. Neste sentido, o que esta leitura conjugada do discurso de Dewey e de Orwell assinala, é a necessidade de vigilância, de investigação e de exame rigoroso das condições de reflexão e de comunicação encontradas em nosso próprio ambiente social. Vigilância para que qualquer instrumento ou relação política com caráter restritivo, controlador, adestrador sejam detectados, a tempo de poder ser substituídos por outros, que favoreçam a livre comunicação de interesses e de conhecimentos, e com isso, o crescimento e a reconstrução da vida social.

### Conclusão

Dewey sempre se posiciona como um escritor otimista em relação à vida social e às possibilidades de crescimento e reconstrução dos valores, conhecimentos e instituições. Orwell adota uma tonalidade exatamente oposta, tanto nas imagens que constrói como nos próprios termos que emprega. O que se observa em seu discurso é um pessimismo, uma acusação profunda dos resultados sociais a que uma sociedade hierarquizada e favorecida pelo desenvolvimento técnico e científico pode chegar.

Este tom afirmativo e otimista de Dewey é acertadamente considerado como resultante de um envolvimento com a promoção da democracia, bem como das formas de vida associada, que permitem a evolução e o crescimento da experiência individual e socialmente compartilhada. Alguns autores chegam a chamar de fé, a esta atitude. Talvez em certo sentido do termo se trate mesmo de

---

uma fé, mas nunca no sentido de adesão ao irracional e ao inexplicável. A promoção da democracia parece adequar-se mais ao sentido de fé como um compromisso moral, um princípio de conduta intelectual e prática, seguido por ele em seu trabalho de filósofo e educador.

A reflexão empreendida neste trabalho demonstra como a educação é a forma de formação dos hábitos sociais. A educação defendida por Dewey, nos princípios democráticos e reflexivos, e a educação apontada por Orwell, em princípios dogmáticos e anti-reflexivos. A possibilidade de ambas as formas educativas torna claro que as ferramentas utilizadas para o ato educativo darão a este o objetivo destinado, seja a liberdade ao pensamento e a conduta, ou o aprisionamento de ambos os termos.

A novilíngua encarna em si a anti-comunicação em um grau tão acentuado como o *Ingsoc* encarna em si a anti-democracia. Aquilo que Dewey denomina “comunicação” em sua obra de 1916 representa um conjunto de significados e de condutas socialmente compartilhadas que depende, naturalmente, da linguagem. A manipulação na comunicação representada pela criação e constante manutenção da novilíngua representa a intencional atitude de ataque frontal contra qualquer possibilidade de vida compartilhada, de livre intercâmbio, finalmente, de crescimento da experiência democrática. Um risco que, como no *1984*, é tornado ainda maior pelo uso de recursos tecnológicos e pela restrição da experiência vivida ao círculo estreito dos interesses individuais.

---

### Referências Bibliográficas

BIESTA, Gert. The Communicative turn in Dewey's Democracy and Education. In: HANSEN, David (ed.) **John Dewey and Our Educational Prospect**. Albany: State University of New York Press. 2006.

CUNHA, Marcus Vinicius. **John Dewey – A Utopia Democrática**. Rio de Janeiro: DP&A. 2001.

DEWEY, John. (1924). **Democracia e educação**: introdução à filosofia da educação. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1959.

\_\_\_\_\_. **Textos Selecionados**. São Paulo: Nova Cultural, 1974, Col. Os Pensadores.

\_\_\_\_\_. (1933). **Como Pensamos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1979.

---

ORWELL, George. (1948). 1984. 29<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 2005.

Recebido em 14/10/2011

Aprovado em 02/04/2012